

# Futuridade

Perto do final de uma conferência bem organizada e bem-sucedida é costume parabenizar os planejadores e participantes pelo entendimento elevado e inspiração intensificada que eles claramente alcançaram. Outros podem felicitá-lo, mas eu não vou.

Aproximando-se do final do tumultuado e traumático século XX é costume afirmar que encontramos os caminhos certos e precisamos apenas aplicar nossas energias aos planos e programas já concebidos a fim de avançar com vigor e sucesso no novo milênio. Outros podem alegar isso, mas eu não.

Imerso em uma era mecanicista, materialista e cética, é costume afirmar que, uma vez que os insights espirituais que buscamos absorver estão destinados a emergir triunfantes, tudo o que precisamos fazer agora é expressá-los de uma perspectiva espiritual e aguardar a chegada da humanidade ansiosa, atraída em massa por nosso farol espiritual. Sim, outros podem afirmar isso, mas não vou conspirar para iludi-lo, fingindo concordar.

A revelação que estamos estudando não é puramente espiritual; é espiritual, mental e material. Os reveladores não exalaram apenas uma visão atualizada do bem. Ao contrário, eles retrataram nosso planeta e toda a humanidade como se beneficiando do ministério amoroso de Deus dedicado a uma mistura equilibrada de verdade, beleza e bondade. Sim, esses são os planos de Deus Pai. Mas eles também são os planos de Deus, a Mãe, o Ser Supremo, que é a soma e a síntese da perfeição finita emergente à qual temos o privilégio de participar no desenvolvimento.

A quinta revelação de uma época não está em esplêndido isolamento, uma exibição independente e insular na saga da humanidade. Mesmo a palavra “quinta”, tomada isoladamente, é suficiente para mostrar isso. Não, uma proporção muito alta do futuro progressivo da humanidade envolve a limpeza após as insurreições e embotamentos do passado. *Apesar da traição de Caligástia e da falta Adâmica, nós, cidadãos de Urântia, ainda devemos fazer nosso dever de casa.*

Na página 596 do *Livro de Urântia* um Mensageiro Poderoso descreve as circunstâncias em um planeta normal quando um filho auto-outorgado do Paraíso aparece:

O Filho auto-outorgado ao chegar em um mundo de alta cultura educacional, encontra uma raça espiritualmente educada e preparada para assimilar os ensinamentos avançados e dar o devido valor à missão de auto-outorga. Essa é uma idade caracterizada pela busca mundial da cultura moral e da verdade espiritual. A paixão dos mortais nessa dispensação é penetrar na realidade cósmica e comungar da realidade espiritual. As revelações da verdade são ampliadas, passando a incluir o superuniverso. Surgem sistemas inteiramente novos, de educação e governo, para suplantarem os regimes imaturos das épocas anteriores. A alegria de viver ganha novas cores, e as reações da vida são exaltadas, em tom e timbre, até as alturas celestes.

Isso certamente não descreve a condição do nosso mundo quando Jesus chegou, nem em qualquer momento desde então. Na próxima página, sob o título “A era depois da auto-outorga em Urântia”, o Poderoso Mensageiro avisa: “Urântia não está procedendo na ordem normal. Seu mundo está fora de compasso na procissão planetária.” Ele estipula: “Jesus mostrou o caminho para a obtenção imediata da fraternidade espiritual”, mas depois continua, “a realização da fraternidade social em seu mundo depende muito das seguintes transformações pessoais e ajustes planetários”. Isso leva o Mensageiro Poderoso a fazer uma série de sugestões sábias sob cinco títulos: (1) fraternidade social; (2) fertilização cruzada intelectual; (3) despertar ético; (4) sabedoria política e (5) percepção espiritual.

Convido a você considerar as propostas do Mensageiro Poderoso, refletindo sobre seus significados e implicações. Mas hoje devo me limitar a um comentário muito amplo: de cinco esforços gerais que ele considera essenciais para o crescimento e avanço de nosso planeta, apenas um é espiritual. Podemos possivelmente descrever “despertar ético” como parcialmente espiritual, mas não pode haver dúvidas de que os três restantes são inteiramente sociais ou intelectuais. Podemos, portanto, concluir que somos livres apenas para nos sentarmos em um canto, ler O Livro de Urântia e nos maravilharmos com sua inspiração espiritual — ou devemos fazer algo mais do que isso?

Nas páginas 906 a 911 do Livro de Urântia, um Arcanjo de Nébadon descreve 15 fatores que são essenciais para o desenvolvimento da civilização em Urântia. Logo depois disso, ele afirma, “somente aderindo a esses princípios essenciais o homem pode esperar manter suas civilizações atuais, ao mesmo tempo em que proporciona seu desenvolvimento contínuo e certa sobrevivência” (página 912). Nenhum desses 15 fatores é abertamente espiritual, embora alguns tenham implicações espirituais. Podemos, portanto, concluir que somos livres apenas para nos sentarmos em um canto, ler O Livro de Urântia e nos maravilharmos com sua inspiração espiritual — ou cumprir nossas obrigações para com Deus Pai, entrelaçadas e vinculadas às nossas obrigações para com Deus, a Mãe, exigem que façamos muito mais do que isso?

No Documento “Governo Seráfico Planetário”, o Comandante dos Serafins estacionado em Urântia descreve “doze grupos de anjos especiais funcionando como os diretores supra-humanos imediatos do progresso e estabilidade planetários” (página 1254). Um desses doze grupos de mestres serafins é explicitamente espiritual (“Os guardiães religiosos”) e outro é dedicado ao ministério de todas as outras formas de vida sobre-humanas no planeta. Os dez grupos restantes de mestres serafins buscam erguer os aspectos sociais, intelectuais, políticos e econômicos da vida em Urântia. Podemos, portanto, concluir que somos livres apenas para nos sentarmos em um canto, ler O Livro de Urântia e nos maravilharmos com sua inspiração espiritual - ou temos uma obrigação afirmativa de cooperar com o governo planetário seráfico, prestar assistência aos seus planos para o crescimento e avanço do governo de Urântia e, ao fazê-lo, mobilizar todos os nossos recursos de imaginação, compreensão e energia?

Como participantes do crescimento do Supremo, não estamos participando de um crescimento finito de caráter exclusivamente espiritual. O Supremo também está crescendo nos níveis mental e material e, também, somos parceiros ativos nesse crescimento. Se refletirmos sobre a declaração de um Mensageiro Poderoso de que “Deus, o Supremo, é verdade, beleza e bondade” (página 1279), é razoável concluir que pelo menos dois dos três aspectos — verdade e beleza — são mentais e materiais bem como dimensões espirituais.

Devemos compreender que a vida espiritual não está separada do mundo, distinta dele ou em oposição a ele. O planeta em que vivemos e seus habitantes estão permeados pelo plano do Pai, pela misericórdia do Filho e pelo ministério do Espírito. Nossos superiores espirituais visualizam o crescimento e o avanço do indivíduo, mas também visualizam o crescimento e o avanço de toda a sociedade humana.

Se falamos de nós mesmos como indivíduos, em vez de um grupo socializado de crentes, fica claro que o crescimento e o avanço da sociedade humana também é nosso trabalho e não apenas o trabalho de nossos superiores espirituais. Na página 555 do Livro de Urântia, um Arcanjo de Nébadon afirma: “Nada pode ter precedência sobre o trabalho de sua esfera de status - neste mundo ou no próximo. Muito importante é o trabalho de preparação para a próxima esfera superior, mas nada se iguala à importância do trabalho do mundo em que você está realmente vivendo”.

Para evitar qualquer possível mal-entendido, permita-me enfatizar o que não estou defendendo. Não desejo sugerir — e, ao contrário, me oporia energicamente — a qualquer envolvimento ativo de grupos organizados de leitores do Livro de Urântia em projetos sociais, econômicos ou políticos. Na página 1089 do Livro de Urântia, um Melquisedeque de Nébadon torna este ponto luminosamente claro:

Os religiosos, enquanto agrupamento, não devem nunca se ocupar de outra coisa além da *religião*, se bem que qualquer dos religiosos, como cidadão individual, possa tornar-se o líder destacado de algum movimento de reconstrução social, econômica ou política.

É papel da religião criar, sustentar e inspirar no cidadão individual uma lealdade cósmica, que o conduza a alcançar o êxito de avançar em todos esses serviços sociais, difíceis, mas desejáveis.

As convulsões sociais e culturais que atualmente ocorrem em nosso planeta são inevitáveis e necessárias. Eles estão destinados a perdurar por um longo período. Nós, nossos filhos e netos – e, na prática, seus filhos e netos – devemos fazer o nosso melhor para participar de forma construtiva. No artigo intitulado “Os Problemas Sociais da Religião”, um Melquisedeque de Nébadon nos avisa:

As invenções mecânicas e a disseminação do conhecimento estão modificando a civilização; certos ajustes econômicos e mudanças sociais tornaram-se imperativos, caso se queira evitar o desastre cultural. Essa ordem social nova e vindoura não se estabelecerá complacentemente ainda por um milênio. A raça humana deve reconciliar-se com uma série de mudanças, de ajustes e reajustes. A humanidade está a caminho de um destino planetário novo, ainda não revelado. [Página 1086]

Ao longo do século XX, o viés secular da cultura dos EUA e da Europa impulsionou fatores mecanicistas, materialistas e maquiavélicos para a vanguarda desse processo mundial de renovação e reforma. O idealismo secular buscou embelezar a contenda subjacente de uma perspectiva filosófica, ou talvez camuflar suas características mais repulsivas, reorientando-se para um autoengano deliberado. Em qualquer caso, o resultado líquido tem sido uma camada fina de slogans humanísticos, como “autodeterminação dos povos”, “paz mundial por meio da lei mundial”, “o direito de receber e transmitir informações e ideias por meio de qualquer mídia, independentemente de fronteiras”, “liberação das mulheres”, “igualdade de oportunidades”, “desenvolvimento sustentável” e outras frases de efeito de impacto real limitado, apesar de suas palavras atraentes. Em uma crise, pode-se esperar que qualquer uma dessas camadas idealistas se evanesça ou desapareça, de modo que motivos oportunistas e egoístas repentinamente se tornem evidentes e óbvios.

A humanidade não pode cumprir o seu destino negando a realidade de Deus, pois os destinos de cada ser humano – e da humanidade como um todo – seguem caminhos de crescimento e progressão estabelecidos por Deus Pai e Deus Mãe. Na página 2082 do Livro de Urântia, a Comissão de Intermediários declara: “O otimismo secular social e político é uma ilusão. Sem Deus, nem a independência, nem a liberdade, nem a propriedade, nem a riqueza conduzirão à paz”.

Mas se nós, como indivíduos, imprudentemente continuarmos a buscar a vida espiritual de uma perspectiva separatista, se continuarmos a tratar os impulsos espirituais como uma esfera fechada, isolada e hipócrita que se diferencia da sociedade e se mantém pelo menos em oposição parcial a isso, essa nossa atitude tenderia a reforçar, em vez de superar, a perspectiva divisiva e difusa “secular” *vs* “sagrado”. Em termos de ensinamentos apresentados pelos autores da quinta revelação de época, nossos defeitos a esse respeito poderiam ser descritos como uma falha em combinar e integrar nossas visões de Deus transcendente e Deus imanente. Outra forma de explicar nossas deficiências seria dizer que falhamos em dar a devida atenção e cooperação aos planos e programas do Ser Supremo, Deus Mãe.

A indulgência contínua em uma abordagem separatista da vida espiritual também seria uma evasão de nosso dever de ajudar a curar a brecha entre ciência e religião ou pelo menos buscar acabar com o antagonismo que dominou a maior parte dos últimos 100 anos. No sentido mais amplo e abrangente, nós e aqueles que virão depois de nós devemos finalmente restaurar a unidade da civilização de uma perspectiva espiritual — consciência do amor de Deus pelo indivíduo e seus esforços simultâneos para promover o avanço coletivo de todos os homens.

Agora, não fiquem surpresos se eu disser que senti uma certa inquietação entre aqueles que ouvem a minha voz. Alguns de vocês, pelo menos, têm se perguntado: “O que é isso para mim?” ou “Por que ele está tagarelando sobre todos esses ideais vagos e grandiosos?”

Alguns oradores podem responder que essas são boas perguntas, são preocupações razoáveis, mas eu não o farei. Você realmente espera que eu diga, individualmente, o que você deve fazer com esses *insights*? Em sua consciência, algum de vocês pode advogar que eu volte ao princípio de autoridade, dogma e deveres delimitados que dominaram e perverteram a religião tradicional, pelo menos no mundo ocidental?

Eu não posso, não vou satisfazê-lo dessa forma. Cada um de vocês deve mergulhar profundamente em sua imaginação e decidir por si mesmos o que melhor pode fazer pela causa do crescimento e avanço da civilização e da sociedade em nosso planeta Urântia. Você deve construir sobre sua educação, sua experiência, seu caráter, seu julgamento. Você deve então procurar cooperar com outros que tenham objetivos e visões semelhantes — sejam ou não leitores do Livro de Urântia, estejam ou não procedendo de uma perspectiva espiritual.

Durante a visita de Jesus aos lagos do norte da Itália, ele apontou para Ganid “a impossibilidade de ensinar um homem sobre Deus se o homem não deseja conhecer a Deus” (Comissão de Intermediários, página 1466):

“Ganid, aquele homem não tinha fome da verdade. Não estava descontente consigo próprio. Não estava pronto para pedir ajuda e os olhos de sua mente não estavam abertos para receber luz para sua alma. Aquele homem não se encontrava maduro para a colheita da salvação; deve ser-lhe dado mais tempo para que as provações e dificuldades da vida preparem-no para receber sabedoria e conhecimento superiores. Ou, se pudéssemos tê-lo vivendo conosco, poderíamos, por meio das nossas vidas, mostrar a ele o Pai no céu; e assim ele ficaria tão atraído pelas nossas vidas, como filhos de Deus, que seria forçado a indagar sobre nosso Pai. Tu não podes revelar Deus àqueles que não O procuram; não podes conduzir almas relutantes às alegrias da salvação. É preciso que as experiências da vida proporcionem ao homem ele vir a ter fome da verdade; ou então, ele deve estar desejando já conhecer Deus, em consequência do resultado do contato com as vidas daqueles que conhecem o Pai divino, antes que outro homem chegue a poder ser útil em conduzir esse semelhante mortal ao Pai no céu. Como conhecemos Deus, o nosso trabalho real na Terra é viver de um modo tal que permita ao Pai revelar-Se nas nossas vidas a fim de que, assim, todas as pessoas que buscam a Deus vejam o Pai e peçam a nossa ajuda para melhor conhecerem sobre o Deus que, dessa maneira, se expressa nas nossas vidas.” [Comissão dos intermediários, página 1466]

Ao cooperarmos com outros, talvez nossa vida de serviço lhes mostre de fato “o Pai do céu”, de modo que alguns deles, pelo menos, busquem nossa ajuda para descobrir o Deus que se expressa na maneira como vivemos. Sim, será Deus o Pai, mas agora sabemos que também deve ser Deus a Mãe, o Ser Supremo, a soma e a síntese da perfeição finita emergente à qual temos o privilégio de participar na promoção.

Em última análise, não somos livres apenas para nos sentarmos em um canto, ler O Livro de Urântia e nos maravilharmos com sua inspiração espiritual. Não, devemos fazer muito mais do que isso. Temos obrigações uns com os outros, com a sociedade, com o crescimento e avanço do nosso planeta. Caligastia se rebelou; Adão e Eva falharam; mas nós, e aqueles que vêm depois de nós, ainda devemos fazer nosso dever de casa. Depois de uma era após outra, Urântia deve retornar aos caminhos planetários de progressão normal, pois tal é o plano do Pai, tal é a vontade do Pai. E como Jesus enfaticamente e inequivocamente decidiu durante seus quarenta dias nas colinas da Peréia,\* que a vontade do Pai seja feita.

## Neal Waldrop

[Conforme entregue em 12 de julho de 1998 no Seminário de Estudo de Verão, Washington, D.C.]

---

\* Para um relato completo, veja a narrativa dos Intermediários nas páginas 1512-1523 do Livro de Urântia.